

análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado

**4º TRIMESTRE
2020**

PORTU
GUESE
SHOES
APICCAPS

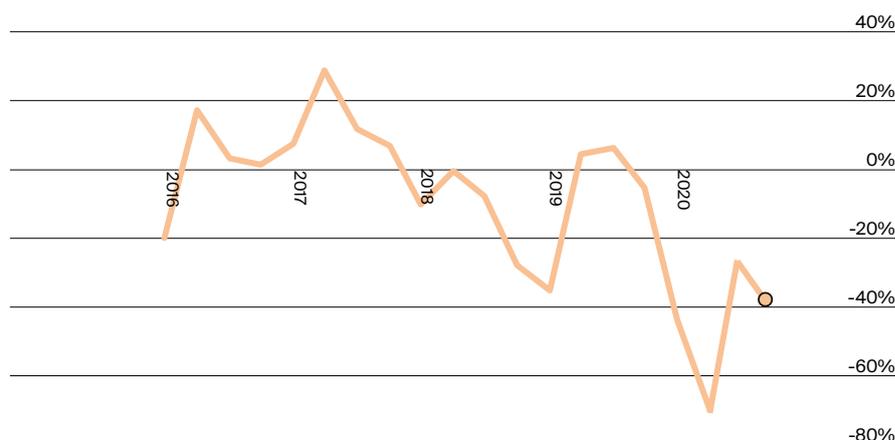
À relativa acalmia da crise de saúde pública durante o verão, seguiu-se uma progressiva deterioração no último trimestre de 2020 que registou forte aceleração no início de 2021. Consequentemente, tal como as empresas receavam, no último trimestre do ano deu-se um agravamento da conjuntura setorial: mais de metade das empresas afirmam que, durante o quarto trimestre, o nível de produção e a carteira de encomendas diminuíram e a utilização da sua capacidade produtiva esteve abaixo do normal para a época do ano. Ainda assim, três em cada quatro empresas conseguiram manter o número de pessoas ao serviço.

A escassez de encomendas domina as preocupações dos empresários. Quase metade das empresas afirmam que a carteira de encomendas não lhes garante mais de um mês de atividade. No entanto, são também frequentes as preocupações com o abastecimento de matérias-primas e com as consequências que a pandemia está a ter na assiduidade dos trabalhadores.

Os factos já conhecidos sobre a evolução da pandemia não permitem antever uma melhoria imediata da situação. Para o primeiro trimestre de 2021, as empresas preveem o prolongamento das tendências anteriores com quebras nas encomendas e na produção que se poderão traduzir numa pressão para a baixa de preços.

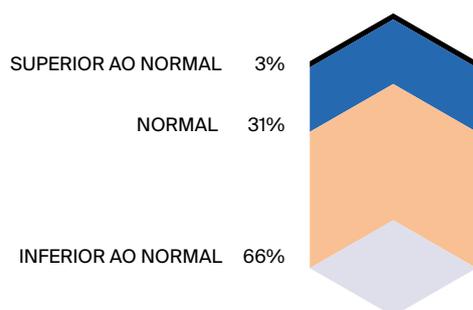
produção

No quarto trimestre, continuou a tendência de redução da atividade da indústria portuguesa de calçado, com a maioria (53%) das empresas a indicarem uma diminuição da produção face ao trimestre anterior, enquanto apenas 16% disseram o inverso. Consequentemente, o saldo de respostas extremas agravou-se em dez pontos percentuais apresentando, em média anual, o nível mais baixo de que há registo. Este saldo foi acentuadamente negativo (-75 p.p.) para as empresas que produzem em exclusividade para o mercado nacional.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

utilização da capacidade

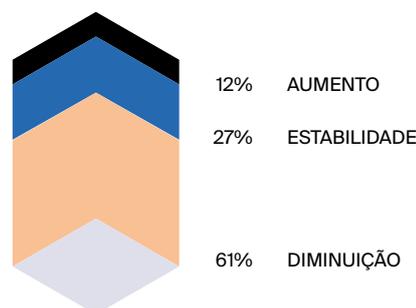


Praticamente um terço das empresas (31%) indicaram que a utilização da sua capacidade produtiva no quarto trimestre de 2020 foi normal para a época do ano. Quanto às restantes, na sua quase totalidade (66%), indicaram que está aquém do normal (s.r.e. de -63 p.p.). É entre as empresas moderadamente exportadoras que mais frequentemente (50% dos inquiridos) a situação se mantém dentro de parâmetros de normalidade.

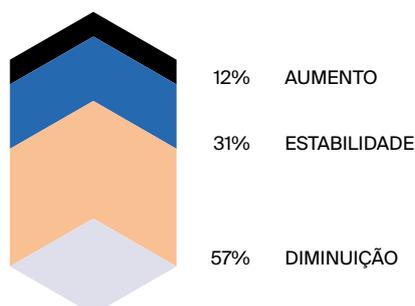
carteira de encomendas

A situação da carteira de encomendas não sofreu alterações em relação ao terceiro trimestre do ano. Um pouco mais de um quarto das empresas dizem que a sua carteira se manteve inalterada, enquanto 12% afirmam que aumentou. O saldo de respostas extremas é de -49 p.p., ordem de grandeza semelhante à dos trimestres anteriores. No entanto, 85% das empresas que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional indicam uma evolução negativa da carteira.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



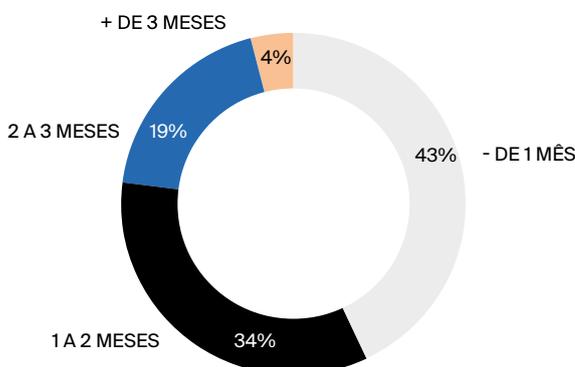
O cenário relativo à carteira de encomendas do estrangeiro mantém-se similar ao do último trimestre. Todavia, regista-se uma ligeira redução da percentagem de empresas que afirmam que a carteira aumentou, gerando um saldo de respostas extremas de -45 p.p. Tal como para a produção, também a média anual do saldo deste indicador é a mais baixa de que há registo.

1. APRECIACÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 4º TRIMESTRE DE 2020

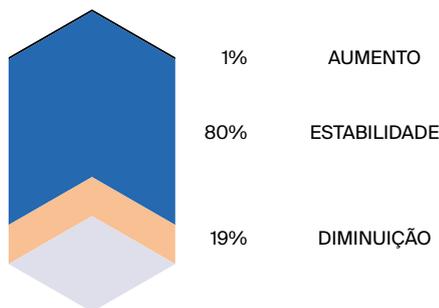
horizonte

Dada esta evolução das encomendas, não surpreende que quase metade das empresas afirmem não ter a produção assegurada para mais de um mês, enquanto apenas 4% dizem ter a atividade garantida para mais de três meses. Ainda assim, metade das empresas têm encomendas para 1 a 3 meses de produção. De realçar as respostas dadas pelas empresas de muito grande dimensão que se afiguram mais favoráveis do que as das restantes empresas, nenhuma delas dizendo ter menos de 1 mês de produção assegurada pela carteira.

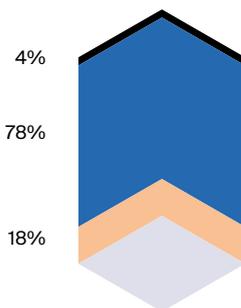
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



preços

Embora a conjuntura se mantenha desfavorável, quatro em cada cinco empresas afirmam que, no quarto trimestre, os preços se mantiveram estáveis, tanto em Portugal como nos mercados externos. Em ambos os casos, o saldo de respostas extremas manteve-se negativo (-18 p.p. no mercado nacional, -14 p.p. nos mercados externos), mas melhorou em relação ao trimestre anterior. São muito escassos os casos de empresas que referem aumentos de preços, acontecendo entre empresas que exportam mais de 75% do seu volume de negócios.

pessoas ao serviço

Apesar de uma conjuntura negativa sem precedentes, no último trimestre de 2020, mais de três quartos das empresas inquiridas (76%) mantiveram o número de pessoas ao seu serviço. As empresas que indicaram uma diminuição do emprego excederam em 10 p.p. as que referiram um aumento. Este resultado é, apesar de tudo, ligeiramente melhor do que as previsões formuladas no trimestre anterior. Nas empresas do escalão de 100 a 250 trabalhadores, o aumento do emprego foi até mais frequente do que a sua diminuição.

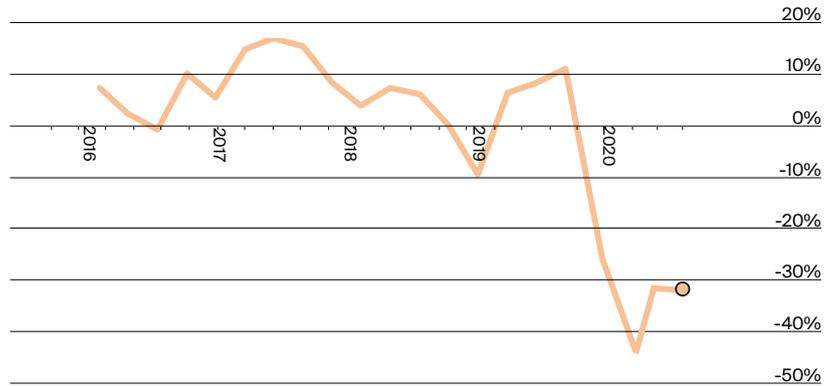
EMPREGO



1. APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 4º TRIMESTRE DE 2020

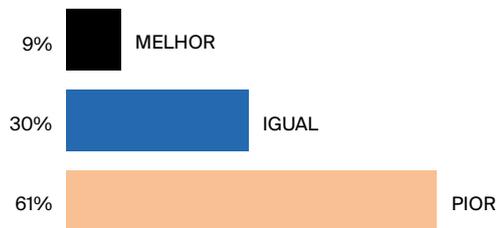
estado dos negócios

A avaliação global do estado dos negócios manteve-se inalterada face ao trimestre anterior. A percentagem de empresas que consideram que o estado dos negócios foi bom continua a ser de 12%, mas a percentagem das que entendem que foi mau é de 44%, gerando assim um saldo de respostas extremas de -32 p.p., negativo pelo quarto trimestre consecutivo.



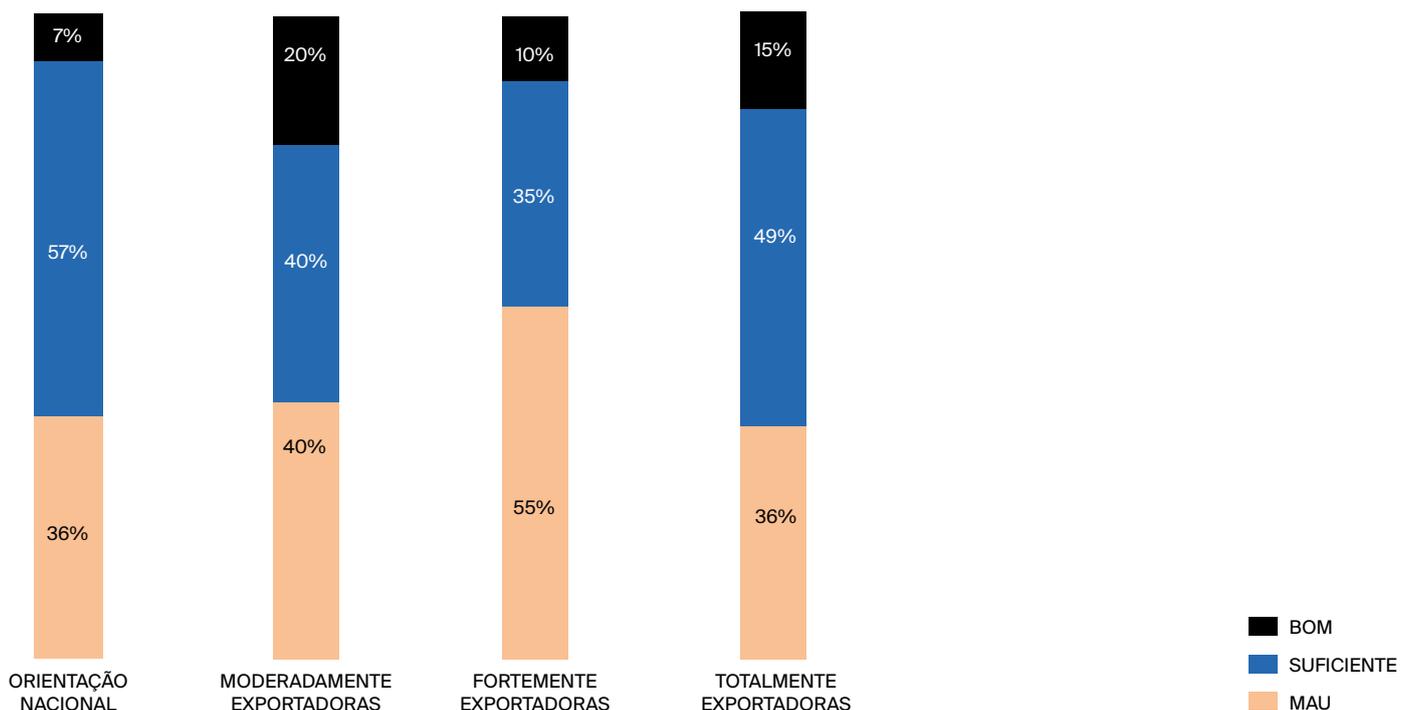
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



A deterioração da conjuntura é visível quando as empresas são chamadas a comparar o atual estado dos negócios com o mesmo período de 2019: mais de metade dos inquiridos (61%) afirmam que a situação está pior e apenas 9% consideram que se verifica uma melhoria. Embora acentuadamente negativo (-52 p.p.), o saldo de respostas extremas melhorou face aos dois trimestres anteriores.

No último trimestre do ano, não existem relações significativas entre as características das empresas, quanto à sua dimensão e orientação de mercado, e a avaliação que fazem o estado dos negócios: as respostas de sentido negativo excedem as positivas para todos os tipos de empresa, sem qualquer padrão bem definido. Os resultados menos desfavoráveis ocorrem entre as pequenas empresas (-26 p.p.) e moderadamente exportadoras (-20 p.p.).

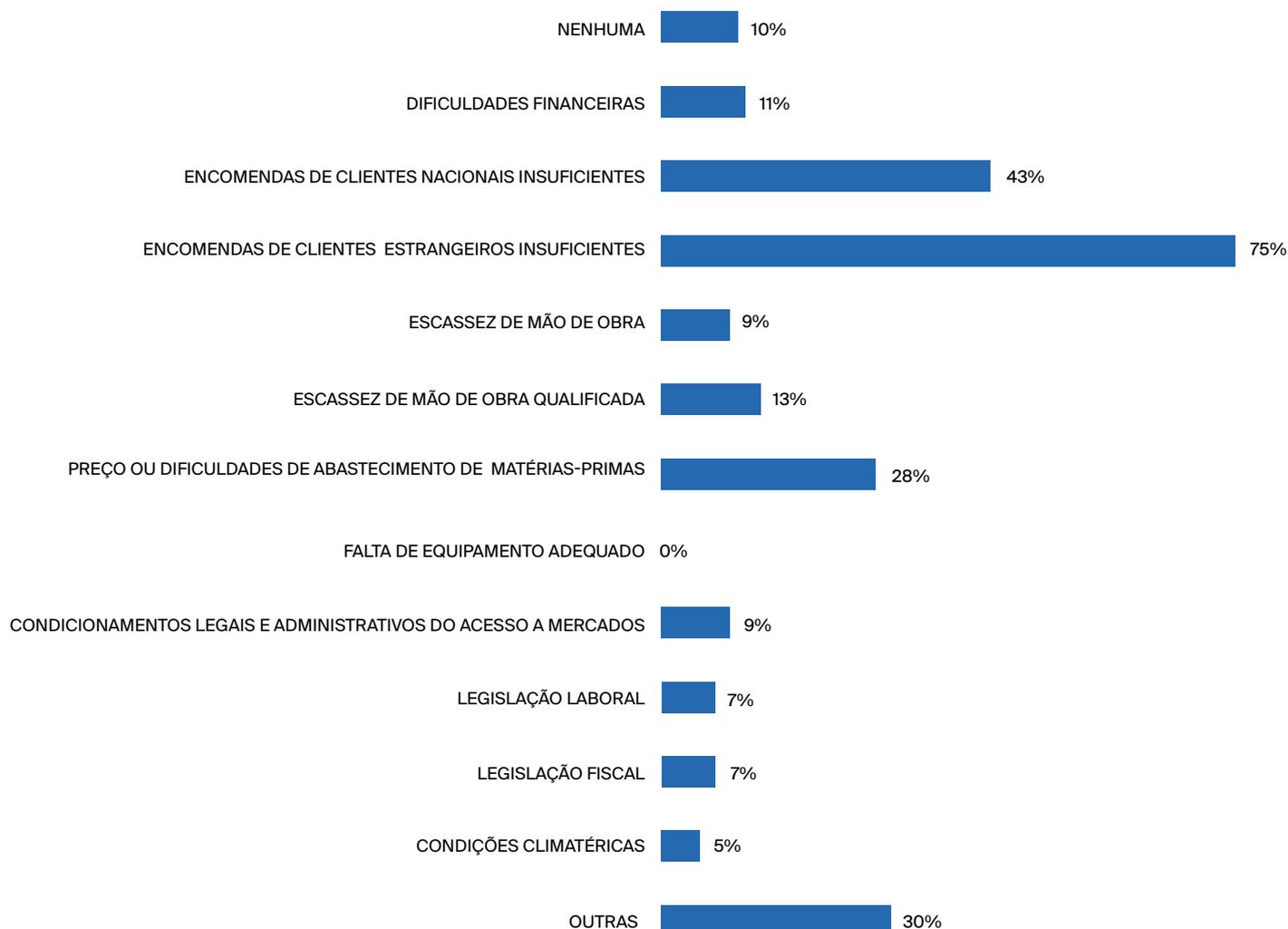


limitações à produção e vendas

Neste final de 2020, um ano fortemente marcado pela pandemia, as respostas das empresas quanto às limitações à produção e vendas revelam que o principal fator de inquietação continua a ser a insuficiência de encomendas, quer de clientes nacionais (43%), quer sobretudo de clientes estrangeiros (75%). Estas preocupações são comuns às empresas de todos os escalões de dimensão e orientação de mercado, embora ligeiramente mais frequentes nas de pequena dimensão.

A categoria “outras” ocupa o terceiro lugar entre as dificuldades mais referidas pelas empresas, com 30% das respostas. A maioria das empresas que a indicaram referiram adicionalmente ter em mente os problemas associados à pandemia de COVID-19, nomeadamente o lockdown dos seus clientes e o acrescido absentismo dos trabalhadores. Uma percentagem de empresas semelhante (28%) enfrenta dificuldades relacionadas com o abastecimento ou preço das matérias-primas. Embora se mantenham em nível historicamente baixo, as referências a escassez de mão-de-obra (9%) e mão-de-obra qualificada (13%) subiram pelo terceiro trimestre consecutivo, certamente em resultado dos problemas de assiduidade resultantes da pandemia. As potenciais dificuldades ligadas à atuação do estado (legislação laboral, legislação fiscal, condicionamento do acesso a mercados) registaram um ligeiro decréscimo em relação ao trimestre anterior, sendo mencionadas por 7% a 9% dos inquiridos.

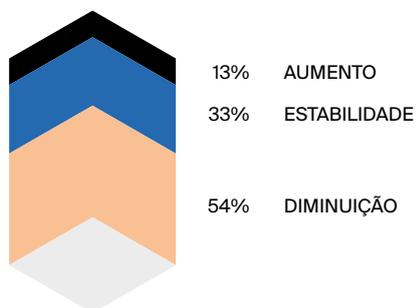
Depois de um recuo significativo no terceiro trimestre, a percentagem de empresas que mencionam dificuldades financeiras voltou para um nível de 11%, semelhante ao registado na primeira metade do ano. Os problemas desta natureza são especialmente frequentes entre as empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional. Contrariando os sinais negativos sobre a conjuntura que transparecem noutros indicadores, a percentagem de empresas que indicam não enfrentar nenhuma dificuldade aumentou pelo segundo trimestre consecutivo e atingiu o limiar dos 10%



tendência da produção

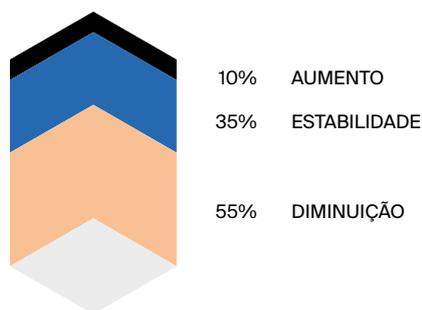
Com a chegada da terceira vaga da pandemia, as empresas não esperam uma alteração significativa nas tendências que marcaram o ano transato. Para o primeiro trimestre de 2021, os inquiridos que preveem a diminuição da produção excedem em 41 p.p. os que acreditam num aumento, o que corresponderia a um agravamento de 4 p.p. no saldo de respostas extremas face ao trimestre anterior. No entanto, entre as empresas de maior dimensão, este saldo é positivo.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

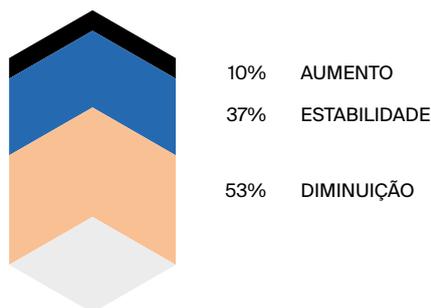


perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira global de encomendas são ligeiramente mais otimistas do que no trimestre passado. Ainda assim, apenas uma em cada dez empresas acredita que poderá dar-se um aumento da sua carteira, enquanto 55% receiam a sua diminuição. No entanto, tal como acontece para a produção, entre as empresas de muito grande dimensão o saldo de respostas extremas é positivo. As perspetivas para as encomendas do estrangeiro não diferem das manifestadas para o conjunto da carteira.



PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS

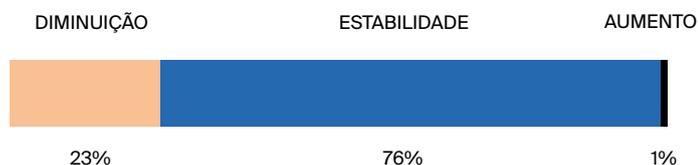


PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

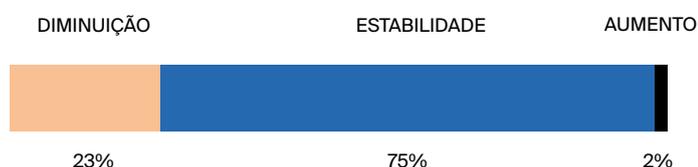
perspetivas de preço de venda

As previsões das empresas apontam para uma evolução muito semelhante dos preços em Portugal e no estrangeiro. Três quartos das empresas acreditam que, neste primeiro trimestre de 2021, os preços se manterão estáveis. No entanto, o saldo de respostas extremas é de -22 p.p. para o mercado nacional e -21 p.p. para os mercados estrangeiros, sugerindo uma tendência de redução como consequência da quebra na procura. Estes saldos são menos negativos entre as empresas de pequena dimensão.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL



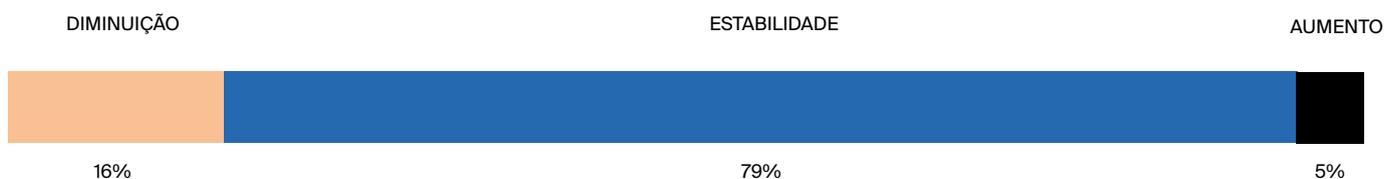
PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



perspetivas sobre o emprego

À semelhança do que se verificou no final do ano passado, apesar da conjuntura ser desfavorável, grande parte das empresas (79%) acreditam poder manter o número de pessoas ao seu serviço. O saldo entre as que pensam reforçá-lo e reduzi-lo é de -11 p.p. Neste aspeto, as pequenas empresas destacam-se positivamente das restantes, acreditando mais frequentemente poder manter o nível de emprego (86%) e apresentando um saldo de respostas extremas positivo (+3 p.p.).

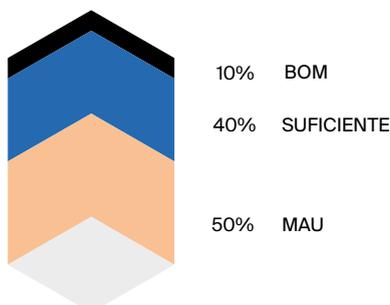
PREVISÃO DE EMPREGO



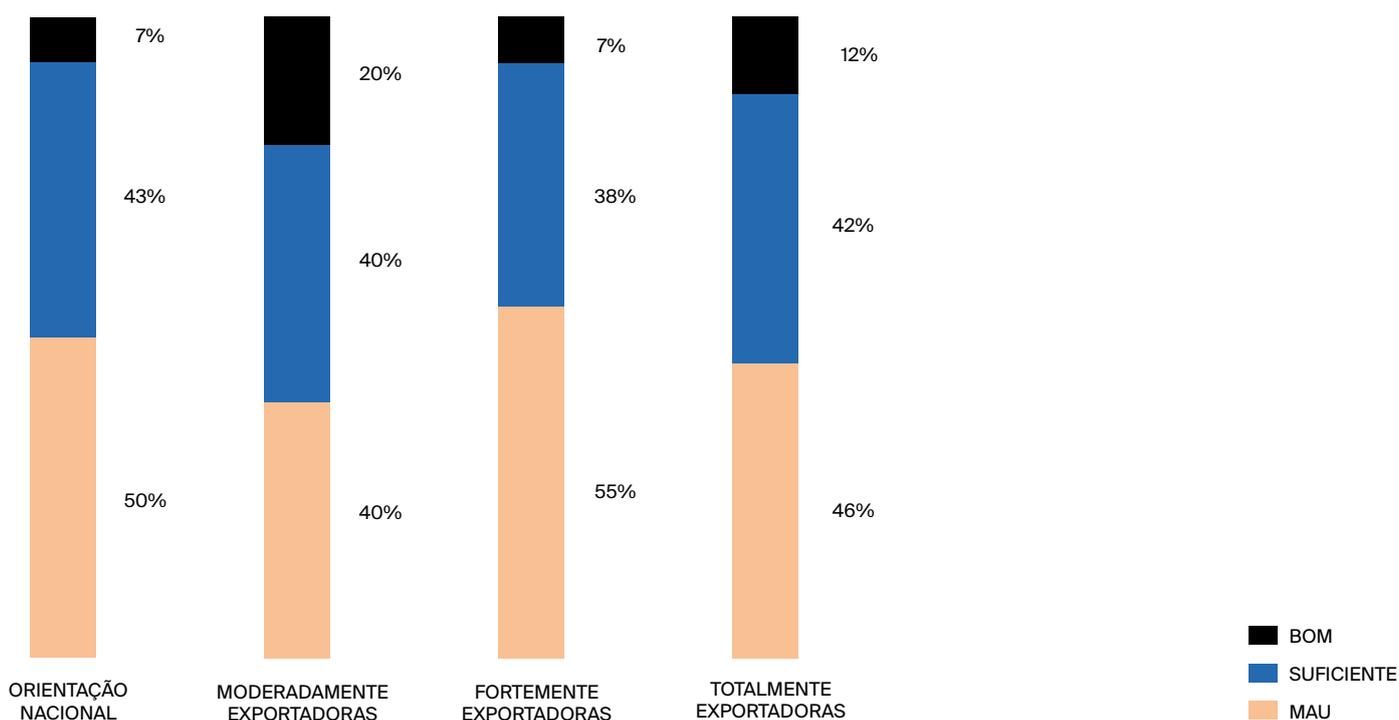
perspetivas sobre o estado dos negócios

As perspetivas das empresas para o estado dos negócios mantêm-se inalteradas face ao trimestre anterior. Somente 10% consideram que o estado dos negócios poderá ser bom, mas metade receiam que seja mau resultando num saldo de respostas extremas de -40 p.p. Sendo este já o quarto trimestre consecutivo em que este indicador regista valores muito negativos, a sua média anual apresenta o valor mais baixo deste século.

PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS



As previsões para o estado de negócios não apresentam uma relação direta com as características das empresas, seja em termos de dimensão ou orientação de mercado. Pode-se, no entanto, assinalar que entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, assim como entre as moderadamente exportadoras, o saldo de respostas extremas é de -20%, consideravelmente melhor do que para as restantes. Em contrapartida, as empresas com 50 a 100 trabalhadores e, sobretudo, as que vendem exclusivamente para o mercado nacional são as que se apresentam mais pessimistas.



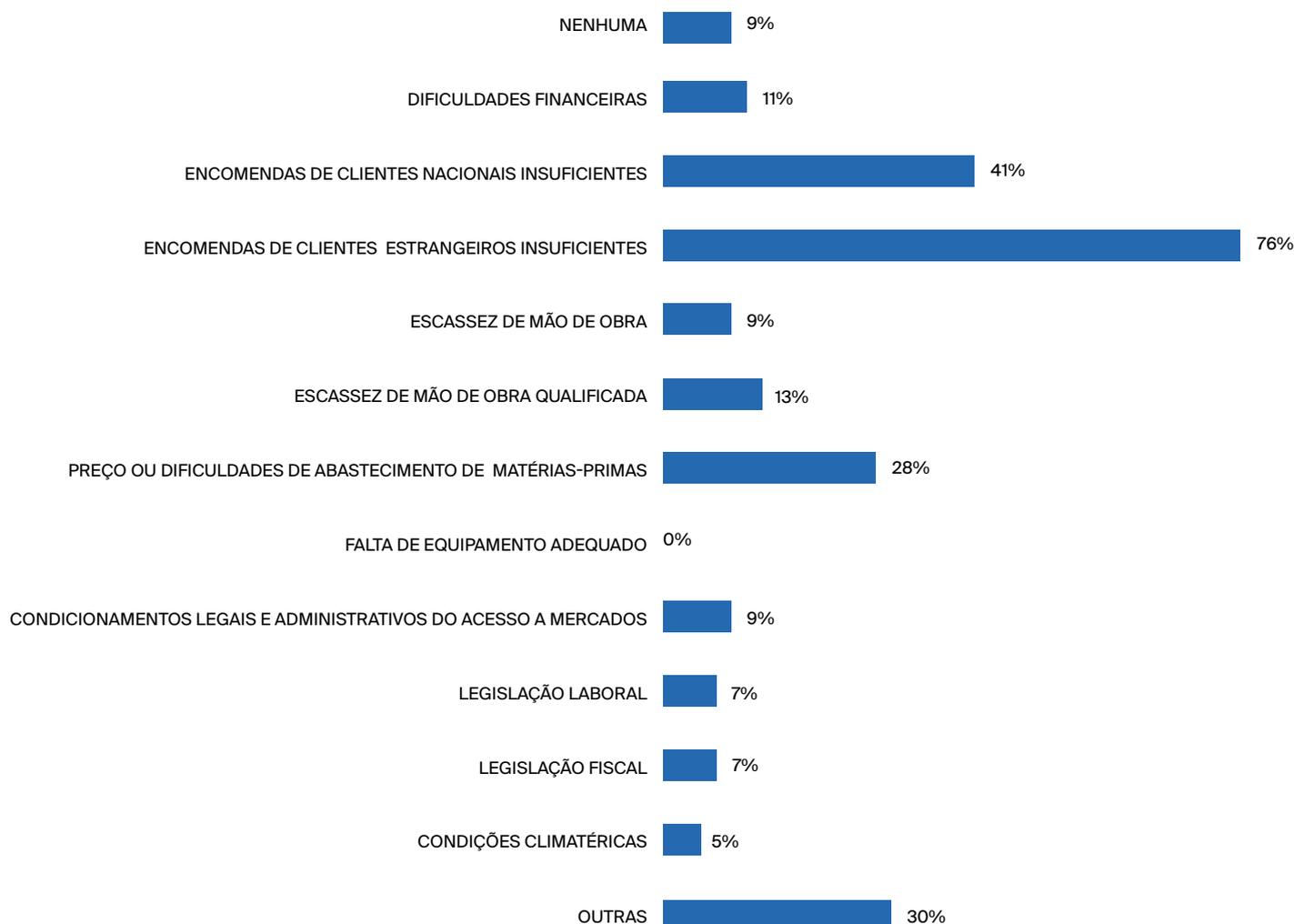
2. PERSPETIVAS PARA O 1º TRIMESTRE DE 2021

limitações previstas

A percentagem de empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade (9%) no primeiro trimestre de 2021 é inferior às das que disseram não as ter sentido no quarto trimestre de 2020 (11%).

Ao nível das dificuldades de mercado, que dominam as suas preocupações, a percentagem das que preveem escassez de encomendas de clientes externos é ligeiramente superior (+1 p.p.) do que a das que dizem tê-la sentido no trimestre anterior, havendo, pelo contrário, uma ligeira redução na percentagem das que receiam escassez de encomendas de clientes nacionais (-2 p.p.).

Tirando estas diferenças, as limitações que as empresas preveem para o primeiro trimestre de 2021 são idênticas às que afirmam ter sentido no último de 2020. As “outras” dificuldades, correspondendo essencialmente às consequências da pandemia, e o abastecimento de matérias-primas destacam-se entre as restantes dificuldades, sendo mencionadas por cerca de 30% das empresas. Recolhendo mais de 10% de referências, surgem ainda a escassez de mão-de-obra qualificada, as dificuldades financeiras e os condicionamentos legais e administrativos no acesso a mercados externos.



notas de conjuntura

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, no quarto trimestre, o Produto Interno Bruto (PIB) português caiu 5,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Este foi o segundo resultado mais negativo desde que se iniciou a publicação de valores trimestrais do PIB, em 1996, apenas ultrapassado pela quebra registada no segundo trimestre de 2020. No conjunto do ano, o PIB contraiu 7,6%, um resultado menos desfavorável do que as projeções mais pessimistas do Banco de Portugal (-8,1%), OCDE (-8,4%), Conselho das Finanças Públicas (-9,3%), Comissão Europeia (-9,5%) e FMI (-10%).

Os dados mais recentes do Eurostat indicam que o PIB agregado da União Europeia recuou 4,8% no quarto trimestre de 2020, em comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Em termos individuais, Espanha (-9,1%), Áustria (-7,8%) e Itália (-6,6%) ficaram, em valor absoluto, acima da média europeia e da zona euro (-5,1%), com os piores desempenhos individuais. Relativamente aos principais mercados de exportação do calçado português, para além da Espanha e da Itália, as economias alemã (-3,9%), belga (-4,8%) e francesa (-5%) tiveram também quebras substanciais.

Em relatório publicado recentemente, o Fundo Monetário Internacional apresenta uma estimativa de contração do PIB mundial de 3,5% em 2020, o que corresponde a uma melhoria de 0,9 pontos percentuais relativamente à previsão anterior. Para os anos seguintes, o FMI espera um crescimento de 5,5% em 2021 e de 4,2% em 2022. O mercado norte-americano, especialmente importante para o setor do calçado, deverá ter registado uma quebra de 3,4% em 2020, prevendo o Fundo um crescimento de 5,1% em 2021. A China continua a destacar-se no panorama internacional, com um crescimento já positivo, estimado em 2,3%, em 2020 e uma previsão de 8,1% para 2021. “Embora as recentes aprovações de vacinas tenham gerado esperanças de uma reviravolta na pandemia ainda este ano, novas ondas e novas variantes do vírus representam preocupações para o panorama. Entre incertezas excecionais, a economia global deverá crescer 5,5% em 2021 e 4,2% em 2022. A previsão de 2021 é revista pela positiva em 0,3 pontos percentuais em relação à previsão anterior, refletindo as expectativas de um fortalecimento da atividade potenciado pelas vacinas no final do ano e políticas de apoio adicionais em algumas grandes economias.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, janeiro 2021

As últimas projeções do Banco de Portugal para a evolução da economia portuguesa apresentam uma projeção de crescimento do PIB para 2021 de 3,9%, revista em baixa em relação às previsões anteriores em resultado do impacto negativo da evolução da pandemia no quarto trimestre de 2020, que o Banco assumia perdurar no primeiro trimestre de 2021, como se tem vindo a verificar, aliás com redobrada intensidade. “Para o período 2021-23 antecipa-se uma recuperação da economia portuguesa, enquadrada pelo controlo gradual da pandemia, pela diminuição da incerteza e pelo apoio das medidas de política económica. Em 2021 o PIB cresce 3,9%, seguindo-se um crescimento de 4,5% em 2022 e de 2,4% em 2023. A projeção para 2021 foi revista em baixa face ao Boletim Económico de junho, refletindo o impacto negativo da evolução da pandemia no quarto trimestre de 2020, que se assume perdurar no primeiro trimestre de 2021. Com a diminuição das medidas de contenção em Portugal e nos principais parceiros comerciais, a atividade acelera nos trimestres subsequentes. A recuperação do PIB será gradual e diferenciada entre setores, sendo mais lenta em atividades ligadas ao turismo, cultura e entretenimento. O PIB deverá retomar o nível pré -pandemia no final de 2022.”

Banco de Portugal, Boletim Económico, dezembro 2020

As atuais projeções de crescimento da economia portuguesa em 2021 apresentam uma grande amplitude, variando entre +6,5% na previsão do FMI e apenas +1,7% na da OCDE, passando por +5,4% (Comissão Europeia) e +3,9% (Banco de Portugal). Esta amplitude invulgar traduz a enorme incerteza associada à evolução da situação de saúde pública.

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020

 **UNIÃO EUROPEIA**
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional